



Lorde Kinross
OS SÉCULOS OTOMANOS
Ascensão e Queda do Império Turco

Traduzido por **Miguel Mata**

Índice

<i>Lista de Mapas</i>	11
<i>Prólogo</i>	13

PARTE I O ADVENTO DO IMPÉRIO

1	21
2	34
3	43
4	61
5	73

PARTE II A NOVA BIZÂNCIO

6	85
7	98
8	116
9	129
10	145

LORDE KINROSS

PARTE III
O ZÉNITE DO IMPÉRIO

11	169
12	182
13	190
14	208
15	228
16	241
17	255

PARTE IV
AS SEMENTES DO DECLÍNIO

18	273
19	294
20	311
21	334
22	347
23	358

PARTE V
A RIVALIDADE COM A RÚSSIA

24	381
25	391
26	398
27	405
28	417

PARTE VI
A ERA DA REFORMA

29	443
30	466
31	486

OS SÉCULOS OTOMANOS

32.....	507
33.....	519
34.....	539
35.....	557

PARTE VII
OS ÚLTIMOS SULTÕES

36.....	577
37.....	589
38.....	611
39.....	630
40.....	643
<i>Epílogo</i>	661
<i>Bibliografia seleccionada</i>	673
<i>Índice Remissivo</i>	675

Prólogo

Durante séculos, nas estepes da Eurásia, da fronteira da China e através do Turquestão e de outras regiões, fluíram vagas contínuas de povos nómadas. Eram comunidades de pastores e criadores de gado que viviam em tendas, cavaleiros e cameleiros que criavam e alimentavam os rebanhos e as manadas que por sua vez os alimentavam e vestiam, e deslocavam-se ciclicamente entre as pastagens sazonais, migrando em busca de terras melhores ou em fuga de outros nómadas que os seguiam. Por vezes, trocavam os seus produtos pelos dos citadinos e agricultores ou, em casos raros, fixavam-se num oásis e transformavam-se em cultivadores. Estes nómadas das estepes, agrupados em federações de sociedades tribais, eram obrigados a uma luta permanente contra as forças da natureza para sustentarem a sua economia pastoral, e desenvolveram dinâmicas, competências, instituições e costumes muito próprios.

Os nómadas incluíam um povo enérgico que se tornou conhecido pelo nome de Turcos. Os Chineses e outros dos seus vizinhos chamavam-lhes *tu-kueh* ou *dürkö*, uma raça beligerante que, segundo se diz, derivou o seu nome de uma colina em forma de capacete que existia na sua região. Os Turcos, inicialmente identificados com os Hunos, eram aparentados com os Mongóis e com os futuros Húngaros e Finlandeses.

No século VI, os Turcos venceram um povo aparentado e começaram a governar um território que se tornou conhecido por Mongólia, de onde se expandiram para os quatro pontos cardeais da estepe e criaram o maior império nómada de sempre. Perderam unidade

por causa da sua dispersão, mas mantiveram um carácter racial e linguístico característico. Tinham um sentimento de identidade comum tão forte que no seu culto pagão xamânico da terra, do ar, do fogo e da água designavam estes elementos da natureza por «turcos». Os Turcos evoluíram rapidamente para além da barbárie pastoral e estabeleceram, no seio da sua sociedade patriarcal de clãs, uma civilização própria, com governantes que eram mais do que meros anciãos tribais, e com tribos vassalas.

No princípio do século VIII, as tribos deslocaram-se para oeste, guiadas por um lobo cinzento lendário. Colectivamente, eram conhecidas por Oguzes, e lideradas por chefes do clã seljúcida. Chegaram a Samarcanda, na Transoxiana, e estabeleceram o seu domínio sobre a parte ocidental da Ásia Central. Ao mesmo tempo, uma nova raça expansionista, os Árabes do Califado islâmico, partiu da Arábia para norte e leste e conquistou o Império Persa. O poder dos Turcos desmoronou-se perante os Árabes, mas os dois povos mantiveram as suas relações comerciais e culturais; comerciavam, ao longo das rotas das caravanas, os produtos complementares da agricultura e da pastorícia. No século IX, os Turcos começaram a renunciar às suas crenças pagãs e a adoptar o islão.

Os Árabes aperceberam-se rapidamente das qualidades marciais dos Turcos. O seu nomadismo imbuíra-os não só de virtudes morais como a tenacidade, a disciplina e a previdência, mas também de um espírito combativo, do hábito da mobilidade, da perícia equestre e de uma destreza invulgar como arqueiros a cavalo. Por conseguinte, os exércitos do Califado Abássida começaram a recrutar Turcos convertidos ao islão, dotando-os de um estatuto de escravos superiores com a possibilidade de conquistarem promoções. No fim do século IX, a maior parte das chefias militares e muitos dos cargos políticos do Império Árabe eram ocupados por Turcos muçulmanos. No século XI, com o declínio do império, a dinastia seljúcida preencheu o vácuo com um império próprio, um Estado islâmico baseado nas tradições do Califado Abássida que absorveu outros principados turco-islâmicos e que, adoptando apropriadamente o arco e a flecha como símbolos de autoridade, alargou o seu domínio à Pérsia, à Mesopotâmia e à Síria. Ou seja, um povo nómada da estepe fixou-se num meio-ambiente estático.

Ao contrário de outros nómadas – por exemplo, os Hunos, os Mongóis e os efémeros Ávaros –, os Turcos seljúcidas reagiram bem, num sentido durável e produtivo, ao desafio da vida sedentária. Adaptaram as suas tradições e instituições aos propósitos de uma civilização sedentarizada e afirmaram-se como construtores de impérios com um sentido construtivo da arte da governação, contribuindo de forma positiva para a história quando o antigo mundo muçulmano entrou numa fase de progresso social, económico, religioso e intelectual. Os pastores e guerreiros da estepe tornaram-se cidadãos: administradores, mercadores, fabricantes, artesãos, proprietários e cultivadores de terras, e construtores de estradas, caravancerais, mesquitas, escolas e hospitais. E cultivaram e promoveram a erudição – a filosofia, as ciências, a literatura e as artes, nas quais os Persas e os Árabes tinham dado o exemplo.

No entanto, à margem da vida sedentarizada e centralizada do Estado seljúcida, muitos Turcos continuaram a viver como nómadas nas montanhas. Estavam aliados a outras tribos de pastores, algumas das quais continuaram a ser pagãs, e compunham-se, em particular, de bandos de guerreiros que tinham sido os pilares das forças seljúcidas. Atacavam as comunidades sedentárias das províncias e incomodavam o governo central com o seu comportamento desordeiro e predatório. Estes grupos, que formaram uma sociedade à margem do Estado com uma cultura muito própria e uma postura dissidente, ficaram conhecidos por Turcomanos, uma designação exclusivamente aplicável aos seus elementos muçulmanos.

O grupo dominante teve origem num movimento popular: eram os *ghazis*, os santos «guerreiros da religião». Os *ghazis* eram voluntários e incluíam muitos vagabundos, fugitivos, descontentes e indivíduos sem profissão à procura de subsistência. A sua missão era o combate aos infiéis, e a sua motivação principal a pilhagem. Combatiam geralmente como guerreiros fronteiriços, lançando incursões para além dos territórios do Islão. No século XI, começaram a operar na Ásia Menor, nas fronteiras fluidas entre os Impérios Seljúcida e Bizantino. Esbarraram com a oposição de grupos de guerreiros fronteiriços gregos, os Ácritas, que, com as suas tradições bélicas e o seu afastamento de toda e qualquer autoridade central, quase pareciam seus irmãos de armas. Outros Turcomanos alargaram as suas fronteiras

em busca de novas pastagens e juntaram-se aos *ghazis* nas incursões transfronteiriças quando as defesas do Império Bizantino começaram a enfraquecer.

Os sultões seljúcidas, determinados a construírem um império muçulmano a sul, não estavam interessados em guerras com o império cristão de Bizâncio, cuja neutralidade garantia a protecção do seu flanco sírio, mas acabaram por se envolver em hostilidades contra os Bizantinos devido a um facto consumado: as incursões dos aguerridos *ghazis* e Turcomanos. O governo seljúcida viu-se obrigado a ter em conta o poderio dos nómadas e procurou aproveitá-lo para os seus próprios fins. O sultão seljúcida Tughrul desviou os guerreiros santos da pilhagem das suas províncias muçulmanas lançando sucessivas campanhas contra o Estado cristão da Arménia, uma província fronteiriça dissidente de Bizâncio. Às vitórias dos *ghazis* seguiram-se incursões cada vez maiores e mais audaciosas, que passaram da Anatólia Oriental à Central e chegaram às costas do Egeu.

O imperador bizantino, Romano IV Diógenes, confrontado com estas incursões no seu império em declínio, sentiu-se obrigado a retaliar. Na tentativa de restabelecer o seu controlo sobre a Arménia, o imperador avançou contra os Turcos com um exército heterogéneo, maioritariamente composto por mercenários estrangeiros. Em 1071, o imperador foi derrotado e capturado pelo sultão seljúcida Alp Arslan («Leão Corajoso») na batalha fronteiriça de Manzikert. A batalha, eternamente recordada pelos Gregos como «o dia medonho», foi um confronto momentoso entre dois impérios e duas religiões, e abriu definitivamente aos Turcos as portas da Ásia Menor.

A Batalha de Manzikert foi um prenúncio de conquistas mais longínquas, mas de momento não implicou nenhuma quebra abrupta da continuidade da situação dos territórios conquistados, dado que foi uma vitória procurada e concretizada por muçulmanos militantes e não pelas forças regulares do Estado seljúcida. O resultado imediato foi a expansão da civilização fronteiriça dos *ghazis* da parte oriental para o centro da Ásia Menor. Os nómadas turcomanos, face à ausência de oposição fronteiriça, instalaram-se nos novos territórios.

A vida e a cultura dos Turcomanos eram comuns aos conquistadores e aos conquistados, incluindo os Anatólios e os Arménios, que não viam totalmente os Turcos como estrangeiros. «Na realidade, o que

desapareceu foi apenas o verniz bizantino», escreve Paul Wittek, «que foi substituído pelo verniz islâmico. O substrato local sobreviveu.» Além disso, o Estado seljúcida, focado no mundo muçulmano, não estava com pressa de concluir a conquista de uma parte do Império Bizantino. Os Seljúcidas libertaram o imperador e contentaram-se com a ocupação formal das regiões conquistadas sob o comando de um príncipe seljúcida chamado Solimão. Entretanto, no fim do século XI, a Primeira Cruzada chegou à Ásia Menor e criou uma fronteira fluida entre muçulmanos e cristãos.

Mas por fim, em meados do século XII, os Seljúcidas viraram costas ao antigo mundo muçulmano para construir na Ásia Menor, com base no padrão muçulmano e com fundações sólidas, um principado bem organizado e com a sua própria linhagem de sultões, que governava a Anatólia Central a partir da sua capital, a cidade de Konya. A dinastia tornou-se conhecida pelas outras potências muçulmanas por Sultanato de Rum. Eram chamados, em árabe, os «Césares de Roma», denotando a sua pretensão de serem os herdeiros daquele resto do Império «Romano». Depois da Batalha de Miriocéfalo^(*), um século depois de Manzikert, os cristãos bizantinos continuaram a governar a Anatólia Ocidental atrás de uma «zona fronteiriça» negociada e mantendo relações pacíficas com o Estado seljúcida consolidado. Os Seljúcidas de Rum, prestigiados em todo o Islão devido à sua origem nos Grandes Seljúcidas da Pérsia, transformaram-se numa potência forte e próspera e chegaram ao apogeu na primeira metade do século XIII.

Mas não foi para durar: o Sultanato de Rum foi atingido por uma nova e mais explosiva erupção de nómadas aparentados. Os Mongóis avançaram pela estepe eurasiática, tal como os Turcos tinham feito, e penetraram na Rússia, a norte, na China, a leste, e envolveram o mundo muçulmano, a oeste. A invasão foi lançada por Gengiscão, no início do século, e continuada pelos seus sucessores. Os nómadas

(*) Batalha entre as forças do Império Bizantino e do Sultanato de Rum, travada na Frígia em 1176. Traduziu-se na derrota das forças bizantinas, que foram emboscadas num desfiladeiro. Representou, também, a última tentativa – em vão – para recuperar o território bizantino perdido para os Turcos seljúcidas na Anatólia. (N. E.)

turcos fugiram à sua frente e hordas de turcomanos e *ghazis* entraram na Ásia Menor e colocaram sob pressão o Estado seljúcida de Konya. Atrás deles, numa ofensiva feroz, chegaram os exércitos mongóis. Em 1243, em Köse Dagħ, entre Sivas e Erzinjan, os Mongóis puseram em debandada o invencível exército seljúcida, apesar de este ter sido reforçado com auxiliares bizantinos e mercenários, e ocuparam todos os territórios e cidades que quiseram. Um único dia bastou para alterar a história da Ásia Menor. O poder dos Seljúcidas de Rum, tal como o dos Grandes Seljúcidas da Pérsia, deixou de existir. Os sultões de Konya tornaram-se vassallos de um protectorado mongol governado por Hulagu. O poder mongol, tal como o de outros povos nómadas sobre uma sociedade sedentarizada, revelou-se efémero, e na Ásia Menor durou apenas uma geração – mas não foram os Seljúcidas que lhe sucederam.

Entretanto, o padrão dominante de uma grande parte da Ásia Menor regressou ao da antiga civilização fronteiriça, independente de toda e qualquer autoridade central. Os guerreiros fronteiriços voltaram a atacar e conquistar cidades, sem oposição, nos territórios bizantinos, e foram reforçados não só por tribos turcomanas, tal como antes, mas também por bandos de refugiados do desaparecido Estado seljúcida e por «homens santos», xeques e dervixes de uma seita muçulmana não ortodoxa fugidos do Turquestão e da Pérsia, que reavivaram o entusiasmo dos Turcos pela guerra ao infiel.

Estes *ghazis* tomaram conta do poder. Aproveitaram-se do declínio das defesas bizantinas e, movidos não só pelo fanatismo, mas também pela necessidade de terras e despojos, e face à reduzida oposição dos seus «irmãos inimigos», os Ácritas, esquecidos por um governo grego dividido e inseguro, entraram na região ocidental da Ásia Menor, e em 1300 já estavam na posse da maior parte das províncias bizantinas. Os chefes tribais disputaram entre si cerca de dez principados *ghazis*, um dos quais, governado por Osmã, se veio a transformar numa grande potência mundial, o Império Otomano, que preencheu o vácuo criado pelo declínio e queda do Império Bizantino e perdeu, com a dinastia de Osmã, durante mais de seis séculos.